

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : JB

CLASS. : 1285

DATA : 19 03 91

PG. : capa / 04

Angra dos Reis/RJ — Alcir Cavalcanti



O cacique João da Silva aprende técnicas agrícolas para aplicar na única aldeia indígena do Rio. (Cidade, pág. 4)



Angra dos Reis, RJ — Fotos de Alcir Cavalcanti

Na aldeia de Bracuí, que tem crescido nos últimos quatro anos, vivem muitas crianças guaranis

Guaranis recebem auxílio

Prefeitura ensina técnicas agrícolas a índios de Angra

Roni Lima

Com suas terras asseguradas pelo governo estadual, na localidade de Bracuí, em Angra dos Reis, um pequeno grupo de índios guaranis começou agora uma nova etapa de suas vidas nesse município do Sul fluminense. Depois de passarem anos lutando contra posseiros e fazendeiros, quando se viram ameaçados de expulsão da área de 7 milhões de metros quadrados na Serra da Bocaina, as cerca de 60 famílias de guaranis estão recebendo noções de plantio e recuperação do solo por parte da prefeitura e de associações de moradores de Angra dos Reis, além de atendimento médico uma vez por semana.

Vivendo com grande dificuldade — a única fonte de renda é a venda de artesanato indígena, que mal dá para o sustento —, os guaranis poderão em breve suprir suas necessidades alimentares com as plantações de milho, mandioca, feijão e cana-de-açúcar que estão surgindo no solo acidentado da reserva. "Eles não têm tradição agrícola, e sim extrativista, como a pesca", lembra Antônio Carlos de Souza Bezerra, 29 anos, técnico da Secretaria Municipal de Agricultura e Pesca. "Mas estamos fazendo com que eles se interessem em plantar."

Há 30 anos, chegaram àquela região os primeiros índios. Não eram muitos na época. Com a criação da reserva indígena, a comunidade cresceu nos últimos quatro anos, engrossada por guaranis que se espalhavam por ou-

tras reservas do sul do país, principalmente no Paraná. Morando numa clareira em meio a uma densa vegetação de Mata Atlântica, onde se chega por uma esburacada estrada de terra, são índios nômades, mais acostumados ao extrativismo vegetal e à pesca. Eles sempre tiveram dificuldades técnicas de plantar na reserva, que tem um solo muito ácido.

Valorização — Esse problema começa a ser superado com a ajuda dos técnicos da prefeitura e do Conselho de Associações de Moradores de Angra dos Reis (Comam), iniciada há dois meses. "Estamos começando a limpar o terreno para plantar mandioca, arroz e cana-de-açúcar", diz o cacique da aldeia João da Silva, 76 anos. "Temos também um pouco de galinha, pato, marreco e no outro dia comprei um porquinho, para começar a criação." No entanto, o trabalho é lento, como reconhecem alguns técnicos municipais, pois os índios ainda não se acostumaram a trabalhar diariamente no plantio. Só o fazem, em geral, na presença dos homens brancos, que vão à aldeia apenas uma vez por semana.

Preocupados em valorizar a cultura indígena, os moradores reunidos no Comam e os técnicos municipais tentam incentivar os guaranis, lutando contra a visão paternalista predominante entre eles, que querem receber tudo sem muito esforço. O resultado desse trabalho tem sido satisfatório, até porque os moradores também aprendem muito com os índios. Os técnicos lhes ensinam, por exemplo, a utilizar o calcário, para a correção da acidez do solo, e a plantar guandu e milho em curvas de nível, o que evita a erosão do solo. Os índios, por sua vez, apresentaram aos brancos outras espé-

cies de milho e feijão, trazidas do Sul, que são muito mais resistentes ao plantio.

Demarcação — O grupo vai passar a receber, todas as quintas-feiras, a visita de uma médica e de uma enfermeira do posto municipal de saúde de Bracuí. A Prefeitura de Angra está estudando também uma forma de ajudar na venda do artesanato indígena — cestos feitos com fibra de palmeiras e outros objetos tradicionais, como arco e flecha, vendidos nas estradas e ruas da cidade. A idéia da Secretaria Municipal de Cultura é criar um espaço fixo no centro da cidade, para a venda dos produtos.

Apesar de todo esse trabalho em conjunto com a comunidade organizada e a prefeitura, os índios ainda têm medo de serem expulsos da região. "Até agora estamos esperando a posse definitiva da terra. Não tem nada ainda de concreto", lamenta o cacique João da Silva, segurando nas mãos um documento de posse provisória. A maioria está aculturada e veste-se como os brancos.

Designada especialmente para acompanhar o processo de desapropriação das terras indígenas, iniciado no primeiro governo Brizola, a procuradora do estado Tereza Lúcia Raymundo Silveira garante que os índios nada têm a temer. Ela lembra que o estado já está investido na posse da propriedade e a desapropriação não pode mais ser contestada pelos fazendeiros e posseiros da área. O que está sendo discutido atualmente na ação que corre na 17ª Vara Federal é quanto ao preço a ser pago pelas terras. "A desapropriação é importante não só para a comunidade assentada", diz ela, "mas pela preservação da área de Mata Atlântica, que vinha sendo devastada."



Com ajuda da prefeitura e de moradores de Angra, índios aprendem a usar calcário no plantio